

IMPACTOS DO USO EXCESSIVO DE CELULAR EM SALA DE AULA: UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR

Catarina Tinoco de Paula¹
Anderson da Silva Melo²

RESUMO

É fato que a tecnologia digital está totalmente integrada ao processo educativo. Motivo de reflexões nem sempre favoráveis entre educadores, o uso de celulares na sala de aula vem gerando preocupações entre especialistas, como o sociólogo Zygmunt Bauman (2013) e a pesquisadora Paula Sibilia (2012), ou seja, o que estava restrito ao âmbito da educação já é alvo de análise de vários especialistas em diversas áreas de conhecimento, principalmente em relação à formação integral de jovens. Nesse sentido, desenvolveu-se um projeto interdisciplinar de Matemática e Língua portuguesa, com o objetivo de aprofundar percepções e reflexões sobre esse fazer educativo, cujo exercício passou a ser um desafio que transborda na seguinte questão: o uso de celular na sala de aula cumpre um papel educativo? Em sua primeira fase, propôs-se aos alunos da 3ª série da Escola Sesc de Ensino Médio, que integra o Polo Educacional SESC, no Rio de Janeiro, RJ, a aplicação de conceitos de estatística em situações reais. Martha Aliaga e Brenda Gunderson (2002) embasaram essa fase do trabalho. Assim, a pesquisa iniciou-se a partir do tema: O uso de celular em sala de aula. Aplicou-se um questionário estruturado, por meio de formulário anônimo online no aplicativo Forms. 405 alunos responderam, correspondendo a 80% do corpo discente. Após coleta e análise dos dados, deu-se a elaboração de relatórios de impressões e geração de gráficos estatísticos. Na segunda fase, na disciplina de Aprofundamento em Língua Portuguesa, os gráficos foram submetidos à apreciação de estudantes da 2ª série, para relacionar com outros gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008), a fim de ampliar repertório, aprofundar discussões e desenvolver as habilidades de leitura (KLEYMAN, 2011), fundamentais para a formação do leitor crítico.

Palavras-chave: Tecnologia e educação, Habilidades de leitura, Leitura crítica, Interdisciplinaridade, Estatística.

INTRODUÇÃO: CAMINHOS OU DESCAMINHOS...

O espaço da educação é essencialmente um espaço de comunicação em múltiplas instâncias – com o passado, que traz à tona todo o conhecimento, com o outro à sua volta, com todas as reflexões também à volta, que envolvem diferentes atores, como família,

¹Mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura da Universidade Federal Fluminense - RJ, catpaula8@gmail.com;

²Mestre pelo curso PROFMAT do Instituto de Matemática Pura e Aplicada- RJ, andermelo@gmail.com.

educadores, sociedade, enfim, todo o contexto em que se está inserido. A partir disso, é bem fácil deduzir por que o fenômeno da comunicação digital foi tão intensamente absorvido no processo de ensino/ aprendizagem. Essa realidade passa a gerar uma grande expectativa de interação pedagógica, capaz de intensificar o aprofundamento do conhecimento, à medida que as “paredes” que limitavam a comunicação, entre os vários saberes e seus atores, são derrubadas.

Hoje, se a tecnologia digital não está em todas as instituições de ensino do país, é antes devido a limitações estruturais e financeiras e sociais, do que devido a qualquer tipo de receio ou recusa a sua utilização. O investimento das instituições de ensino públicas e privadas é intensamente substancial na aquisição de *hardware* e *software*, que lhes garantam a promessa de sucesso de seu trabalho.

Nesse processo, parece que todos caminhamos na direção de uma potencial transformação nos modos de ensino e, muito mais que isso, de mudanças profundas na mentalidade, arrisca-se dizer, da humanidade.

Quebra de expectativa - o sinal verde dá lugar a um alerta vermelho! Segundo Paula Sibilia, em seu livro *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*³ (2012, p.185), “o risco mais ameaçador é que os aparelhos se convertam num novo e poderoso agente de dispersão ou de fuga do confinamento⁴, o qual parece haver perdido seu sentido de modo ainda mais evidente ao ser informatizado”. A educadora coloca em questão que, se a sala de aula representa um confinamento, ou seja, um lugar entre “paredes”, a informatização, ou seja, as “redes”, tende à dispersão. Tem-se aí um paradoxo, se antes as paredes da sala de aula impediam o acesso potencializado a toda e qualquer informação fora de seu ambiente espacial, agora, por meio da *web*, que garante um acesso irrestrito a toda informação e conhecimento, há a dispersão, ou seja, há uma grande dificuldade de o aluno manter a concentração e atenção nos estudos. Por conseguinte, o aluno não desperta, ou desenvolve, objetivamente, a sua competência investigativa, a sua curiosidade e capacidade reflexiva. Ao contrário, tende a ficar no “limbo” desse universo paralelo, compartilhando informações superficiais e, por que não dizer, vazias de propósito, além de ficar suscetível a desenvolver

³ Título original da obra *¿Redes o paredes? La escuela en tiempos de dispersión*, com tradução de Vera Ribeiro.

⁴ Considerar que a autora é argentina e, por isso, algumas palavras, cujo emprego nos seria estranho do ponto de vista semântico, são relacionados ao contexto da obra original. É o caso do emprego da palavra “confinamento”, que, ao longo do seu estudo, representa o espaço da sala de aula, as paredes que delimitam o espaço do exercício do ensino e da aprendizagem.

habilidades que podem comprometer a sua integridade, como, por exemplo, utilização de jogos de apostas, falsificação de perfis com propósitos duvidosos, como o *bullying*.

Destaca, ainda, a educadora,

que o problema é ainda maior, pois talvez ninguém saiba realmente em que consiste esse tipo de ensino, e é muito duvidoso que os docentes contemporâneos possam assumir essa tarefa tendo-se dissolvido o mito da transmissão, sobretudo nesse campo em que os jovens parecem “saber” mais que eles. (2012, p.185)

É importante considerar que alguns princípios podem ser quebrados, como o da autoridade, principalmente do educador, - e, não, o autoritarismo - reconhecida e conquistada, com o saber. Ora, se o educando entende que o acesso à informação lhe dá garantias de que pode saber mais do que o educador, há o sério risco de que ele não reconheça neste a sua capacidade de transmitir e processar o conhecimento. É o que reforça a Sibilia (2012, p. 185), ao citar Cristina Corea⁵,

“qualquer conexão produz efeitos dispersivos”, lembra Cristina Corea. **“Sem princípio de autoridade nem código estabelecido, toda conexão com o fluxo, toda intervenção, produz uma multiplicidade dispersa de efeitos”**, acrescenta a mesma autora. “Sem código e sem instituições, qualquer recepção põe em evidência a fragmentação.” Diante dessa pulverização das condições de recepção que o dispositivo pedagógico costumava garantir, a conexão deve ser muito seriamente pensada para evitar-se que gere pura desagregação.” (Grifo nosso)

E acrescenta Sibilia

“Diante dessa pulverização das condições de recepção que o dispositivo pedagógico costumava garantir, a conexão deve ser muito seriamente pensada para evitar-se que gere pura desagregação. **Por isso há pelo menos duas operações que agora é necessário efetuar e que eram dadas por certas nos velhos tempos institucionais: “Produzir condições de recepção e agir sobre os efeitos dispersivos”**. Nenhuma dessas tarefas é simples, já que a tendência impele os sujeitos contemporâneos a se conectarem automaticamente e ignorar qualquer política relativa aos efeitos dessa atividade.” (2012, p. 185-186) (Grifo nosso)

Diante dessas reflexões, torna-se impossível ignorar que existem riscos iminentes de comprometimento do processo de ensino/ aprendizagem num âmbito generalizado. E não se trata de pensar em aspectos restritos ao Brasil, por exemplo. Em larga escala, diversos atores, de diversas nacionalidades, comprometidos com a educação, direta ou indiretamente, passam a manifestar preocupação com essa questão. Ainda segundo Sibilia, “A conexão às redes dissolve o espaço - sobretudo aquele que é pautado pelo confinamento”, ou seja, a sala de aula, “mas também dilui o tempo” e, como diz a educadora, ambos (espaço e tempo) são as

⁵ Cristina Corea. “El desfundamiento de las destitución, qué es la infancia? In: Cristina Corea e Ignacio Lewkowicz, *Pedagogia del aburrido: escuelas destruidas, familias perplejas*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

fontes capazes de organizar a experiência, ou seja, a relação espaço/ tempo está diretamente relacionada à experiência do ensino e aprendizagem.

Um dos resultados desse processo é, como a autora (Sibilia, 2012, p. 187) afirma muito apropriadamente, que “a sociedade informacional não *conecta*, mas tende a *desligar*, dificultando as possibilidades de dialogar ou de compor uma experiência com os demais.” (Grifo da autora). Essa realidade constitui a grande contradição que tem assustado, principalmente, aqueles que lidam com os estudantes no dia a dia da sala de aula. Completa Sibilia que nas

“práticas contemporâneas, **não haveria comunicação nem diálogo, mas contato ou interação**, ou seja, aquilo que costumamos chamar de *conexão*.

É por esse mesmo motivo que, às vezes, os jovens continuam a assistir às aulas, mesmo que o confinamento tenha perdido seu sentido e que a situação de aprendizagem nunca chegue a se consolidar: haveria nesse gesto outros motivos, como o mero fato de “estarem juntos” compartilhando essa coesão mínima, porque isso seria preferível à intempérie e à dispersão de um tempo-espaço desprovido de muros e outras ancoragens.” (2012, p. 187). (Grifo nosso)

Na direção de uma discussão mais contundente e em certa ordem um tanto quanto pessimista, porém importante, optou-se por observar como o sociólogo Zygmunt Bauman direciona o seu olhar crítico para a relação entre os jovens e a educação, a fim de amadurecer reflexões capazes de nos fazer observar questões que ultrapassam os limites da sala de aula e também os limites geográficos, não falamos mais só do Brasil. Agora olhamos para fora, para as relações que ultrapassam também os limites relacionados ao contexto socioeconômico e cultural. Em seu livro “Sobre educação e juventude” (2013, p. 52), o autor discorre a partir do que escreve Henry A. Giroux,, num ensaio sob o título “A juventude na era da dispensabilidade”:

“Vistos cada vez mais como outro encargo social, os jovens não estão mais incluídos no discurso sobre a promessa de um futuro melhor. Em lugar disso, agora são considerados parte de uma população dispensável, cuja presença ameaça evocar memórias coletivas reprimidas da responsabilidade dos adultos.”

Bauman (2013, p. 52) potencializa essa afirmação, quando afirma que a respeito dos jovens:

“O que os salva da dispensabilidade total - embora por pouco - e lhes garante certo grau de atenção dos adultos é sua real e, mais ainda, potencial contribuição à demanda de consumo: a existência de sucessivos escalões de jovens significa o eterno suprimento de “terras virgens”, inexploradas e prontas para cultivo, sem o qual a simples reprodução da economia capitalista, para não mencionar o crescimento econômico, seria quase inconcebível. Pensa-se sobre a juventude e logo se preta atenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado.”

De fato, têm-se nos jovens, e por que não dizer, nas crianças, um potencial de compra capaz de movimentar grandes quantias. É só observar a oferta de mercadorias voltadas para esse público consumidor, que, ainda em formação, poderá tornar-se um consumidor mais potencializado, capaz de gerar mais riquezas. Nesse sentido, acrescenta ainda o autor (2013, p.52):

“Por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias de mídias, como telefones celulares”, as instituições empresariais buscam imergir os jovens num mundo de consumo em massa de maneiras mais amplas e diretas que qualquer coisa que possamos ter visto no passado.”

Pode-se considerar que essa realidade já é facilmente constatada. Uma criança ou um jovem já não “abre mão” de um aparelho celular. É intencional e enfático o emprego da expressão coloquial “abre mão”. Os pais e familiares já não conseguem que seus filhos fiquem sem esse recurso, fato completamente comprovado nas escolas, haja vista o número de alunos, independente de seu poder aquisitivo, que trazem consigo esse dispositivo móvel. A questão é conseguir dimensionar essa prática como algo que verdadeiramente é um recurso - e para quem ou para quê.

Essa perspectiva que Bauman nos oferece com uma lupa, como já dito, é assustadora. Enquanto educadores, todos devemos estar atentos e ter a responsabilidade de gerar reflexão juntos aos nossos alunos, para que façam uma leitura atenta e crítica, e saibam fazer as suas escolhas de maneira mais consciente. E o sociólogo afirma ainda que

“um volume crescente de evidências de que “o problema dos jovens” está sendo considerado clara e explicitamente uma questão de “adestrá-los para o consumo” e de que todos os outros assuntos relacionados à juventude são deixados numa prateleira lateral - ou eliminados da agenda política, social e cultural.” (Grifos do autor) (2013, p. 53)

Por fim, não se pode deixar de considerar de onde Bauman construiu suas reflexões, um pensador polonês que viveu no Reino Unido, estudou na França e teve a oportunidade de conhecer diversas culturas e estudá-las. Não estamos falando de um país latino, cuja realidade está muito aquém do universo em que o autor circulou. Portanto, essas reflexões precisam ser ampliadas e aprofundadas, principalmente no ambiente da educação, no Brasil, para que se busquem possibilidades de amadurecimento e leitura crítica capaz de transformar e contribuir para uma sociedade mais saudável, mais justa e solidária.

METODOLOGIA

A pesquisa apresentou duas etapas, discriminadas a seguir. A primeira etapa deu-se a partir das reflexões em sala de aula, com alunos da 3ª série do Ensino Médio/2023, da Escola Sesc de Ensino Médio, deu-se direcionamento à pesquisa de campo, cujo suporte teórico foram os estudos na área de Matemática, com a aplicação de conceitos de estatística e probabilidade em situações reais. Os estudantes foram organizados em grupos, encorajados à autonomia e colaboração, com a tarefa de coletar dados, analisá-los e comunicar suas descobertas por meio de relatórios e gráficos estatísticos.

Para isso, a pesquisa foi alicerçada por um estudo de natureza teórica e de abordagem quanti-qualitativo. Quantitativa, porque é a explicação de fenômenos por meio da coleta de dados numéricos que serão analisados através de métodos matemáticos em particular, os estatísticos (ALIAGA; GUNDERSON, 2002).

Nessa etapa, foram dados os seguintes passos:

Planejamento e conclusão:

- 1) Escolha do tema (Pesquisa sobre o uso de celulares em sala de aula.);
- 2) Formulação de perguntas e elaboração de formulário anônimo de pesquisa;
- 3) Coleta dos dados e divisão em grupos para apresentação, que inclui: Relatório de impressões e Geração de gráficos estatísticos envolvendo tecnologia.

A segunda etapa constituiu-se da análise dos gráficos e resultados apresentados na primeira etapa, quando então foram submetidos a alunos da 2ª série do Ensino Médio/2024, também na Escola Sesc de Ensino Médio. Na disciplina de Aprofundamento em Língua Portuguesa, com foco em formação de repertório e argumentação, buscou-se a formação de repertório para o aprofundamento da questão que deu nome a este projeto: “Impactos do uso excessivo de celular em sala de aula: um estudo interdisciplinar”.

Desse modo, na continuidade, foi estudada a redação de projeto de pesquisa, a fim de que houvesse uma culminância com a produção textual de um “paper” ou mini artigo.

Os passos seguidos nessa etapa foram:

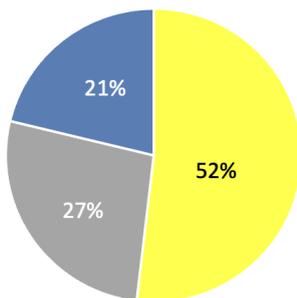
- 1) Apresentação dos gráficos e análises;
- 2) Debate;
- 3) Pesquisa bibliográfica;
- 4) Produção textual de um “paper”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa deste projeto, pesquisa de campo sobre o uso do celular na sala de aula gerou os gráficos a seguir, acompanhados das análises correspondentes:

Pergunta 1: Qual a sua série?

- 1ª série: 210 alunos (90%)
- 2ª série: 109 alunos (88%)
- 3ª série: 86 alunos (58%)



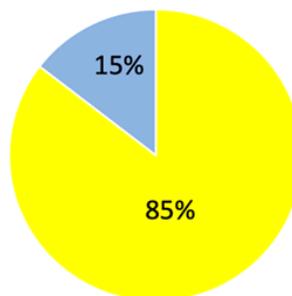
A pesquisa foi realizada com 405 alunos, o que representa 80% do total de alunos da Escola Sesc de Ensino Médio em 2023.

Ter um quantitativo expressivo de entrevistados em uma pesquisa estatística é essencial para garantir a representatividade dos dados, proporcionando maior precisão nas conclusões. Quanto maior o número de participantes, menor a margem de erro, o que permite que os resultados sejam mais confiáveis. Além disso, um grande número de entrevistados aumenta a diversidade da amostra, refletindo melhor as diferentes opiniões e comportamentos do grupo pesquisado. Isso assegura que as decisões ou ações tomadas com base na pesquisa sejam mais fundamentadas e aplicáveis a um público mais amplo.

Os resultados obtidos nessa primeira pergunta sinalizam para uma adesão significativa e reafirma junto aos alunos o interesse empreendido e importância dada ao trabalho.

Pergunta 2: Com que frequência você observa seus colegas usando aparelhos celulares durante as aulas?

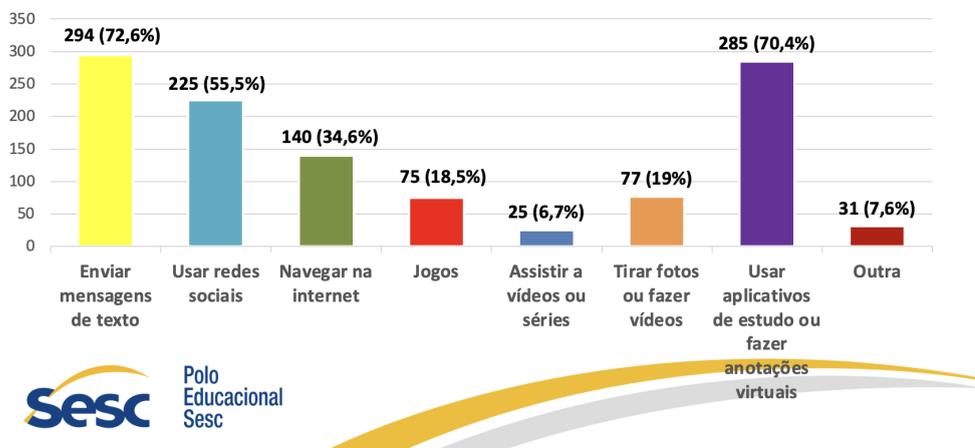
- Sempre ou frequentemente: 346 alunos
- Às vezes, raramente ou nunca: 59 alunos



Pergunta 3: Com que frequência você usa aparelhos celulares durante as aulas?

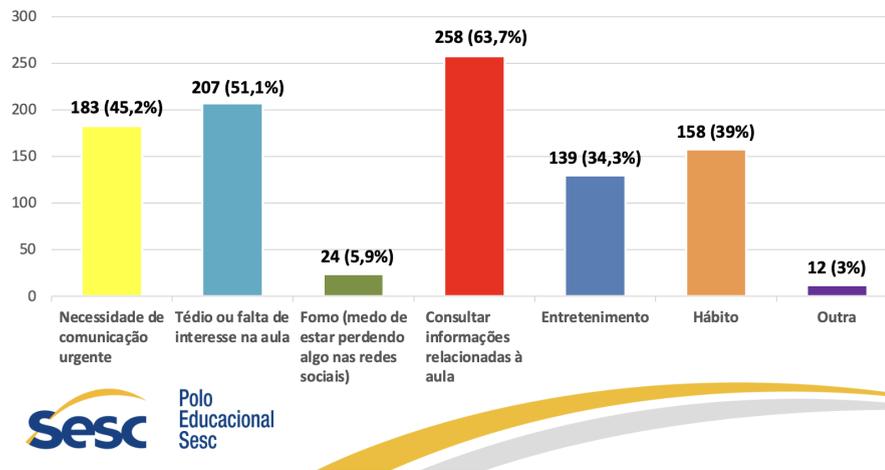


Pergunta 4: Quando você utiliza aparelhos em sala de aula, quais atividades costuma fazer?



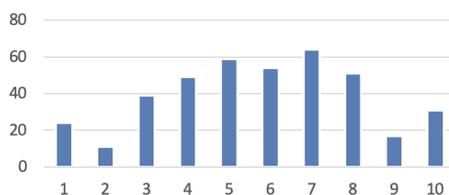
A análise dos dados da pesquisa mostra que o uso de celulares em sala de aula é majoritariamente voltado para o envio de mensagens de texto (72,6%) e o uso de redes sociais (55,5%), o que evidencia uma distração significativa dos alunos durante as aulas. Apesar disso, um número relevante de estudantes (70,4%) utiliza aplicativos de estudo ou faz anotações virtuais, o que reflete um potencial positivo para a tecnologia no contexto educacional. Contudo, o uso para entretenimento, como jogar e assistir a vídeos, preocupa pela dispersão gerada, representando 18,5% e 6,7%, respectivamente.

Pergunta 5: O que te leva a usar o celular em sala de aula?



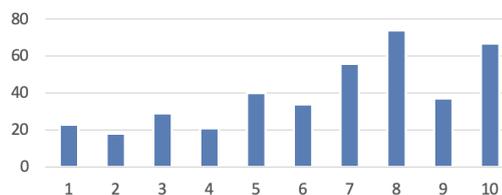
O gráfico aponta que o principal motivo para o uso do celular em sala de aula é a consulta de informações (63,7%), seguido pelo tédio (51,1%) e entretenimento (34,3%). Esses dados mostram que, embora muitos alunos usem o celular como recurso educacional, a falta de concentração e a busca por gratificação imediata levam outros a utilizá-lo para distrações. Esse comportamento prejudica a atenção, a qualidade da aprendizagem e intensifica o hábito de dispersão nas atividades acadêmicas.

Pergunta 6: Em uma escala de 1 a 10, quanto você acredita que o uso de aparelhos celulares afeta seu aprendizado?



Classificação Média: 5,8

Pergunta 7: Em uma escala de 1 a 10, quanto você acredita que o uso de aparelhos celulares por colegas afeta seu aprendizado?



Classificação Média: 6,6

Sesc Polo Educacional Sesc

O uso de celulares pelos colegas em sala de aula pode funcionar como um estímulo externo que afeta negativamente a capacidade de atenção. O cérebro humano é sensível às distrações,

e, quando os alunos veem outros colegas usando seus dispositivos, a tendência é que isso gere curiosidade ou imitação, diminuindo o foco na atividade principal. Essa influência social e a ansiedade de conexão podem resultar no uso compulsivo do próprio celular, afetando a concentração e o rendimento acadêmico geral.

Em seguida, como resultado e análise da segunda etapa do projeto, foram produzidos três “paper”, cujas partes mais significativas foram selecionadas para efeito de publicação. Essa redação⁶ foi elaborada coletivamente, por uma das turmas do curso de Aprofundamento em Língua Portuguesa.

Resumo: Este trabalho examina o impacto do uso de celulares nas escolas, abordando tanto seus benefícios quanto os desafios no ambiente educacional. O uso excessivo e indiscriminado por jovens é criticado por gerar distrações e conflitos, enquanto o potencial pedagógico dos celulares é desprezado. A reflexão sobre como essa tecnologia reconfigura as relações afetivas e cognitivas entre alunos e professores destaca os perigos do cyberbullying e da “concentração dispersa”. Conclui-se que, embora os celulares possam enriquecer as práticas educacionais, sua integração ao ambiente da sala de aula exige uma abordagem equilibrada e consciente para evitar descontrolado e garantir que a tecnologia contribua de forma positiva com o aprendizado.

Introdução: Vivemos em uma era em que a tecnologia avança rapidamente, transformando nossas vidas de maneira que nunca imaginávamos, com impactos impressionantes. Tendo isso em vista, trouxemos o aparelho celular como objeto para a nossa pesquisa, colocando-o à prova em sala de aula.

Revisão da Literatura: As fontes consultadas discutem o impacto do uso de celulares nas salas de aula sobre o desempenho de jovens e adolescentes, destacando como isso afeta principalmente as aulas de matemática, onde a distração por celulares resulta em notas significativamente mais baixas. Os textos relatam que, no Brasil, oito em cada dez alunos de 15 anos se distraem com seus celulares durante as aulas, levando a uma redução média de 15 pontos em suas notas de matemática. Além disso, cerca de 40% dos alunos perdem a concentração devido ao uso dos celulares por colegas. A preocupação é também com o desempenho em leitura e ciências, com metade dos estudantes não conseguindo interpretar

⁶ O texto produzido pelos alunos foi submetido a consultas ao professor, sem, por isso, ser alterado de maneira substancial. Foram respeitadas as construções elaboradas a partir das consultas e as correções ficaram restritas à concordância e aos aspectos linguísticos mais relevantes para que se mantivesse a coerência na linha de raciocínio e da argumentação. Os alunos tiveram também a liberdade de na revisão da literatura dar ênfase ao conteúdo apenas, sem se ater à indexação bibliográfica.

textos e mais da metade não alcançando o mínimo necessário na matéria. É enfatizada, também, a necessidade de medidas equilibradas para gerenciar o uso de celulares e melhorar o desempenho.

Há, também, um projeto de lei criado em 2007 que trata sobre o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula de forma incorreta. Esse projeto de lei procura proibir o uso de aparelhos eletrônicos durante os tempos de aula, e definir que os educadores devem procurar uma forma de reverter a distração causada pelos aparelhos eletrônicos e usá-los como um instrumento de estudo. Também é apresentado o impacto desse uso na vida dos professores com o relato de um professor que foi vítima de cyberbullying por seus alunos.

Metodologia: Após ser a apresentação do tema do uso da tecnologia digital no contexto escolar, foi apresentada pela professora uma pesquisa feita pelos alunos da terceira série da Escola Sesc de Ensino Médio, sobre como os estudantes se relacionavam com a temática. Com os resultados da pesquisa em mente, foi realizado um debate no qual foram discutidos os benefícios e malefícios acerca do uso do celular na sala de aula. Foi feita uma ampla pesquisa a partir de notícias, artigos acadêmicos e reportagens. Em seguida, após a execução de um resumo de cada um deles, concluímos com o paper.

Desenvolvimento: De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 8 em cada 10 alunos brasileiros se distraem com o uso de celulares em sala de aula. O uso de celular nas salas de aula pode ser importante para pesquisas, porém o uso excessivo deste pode trazer malefícios aos estudantes. O projeto de lei N° 2.246-A de 2007 proíbe o uso de celulares no decorrer de atividades de ensino, ou seja, no momento em que a relação professor e aluno é estabelecida. Frequentemente os educadores enfrentam desafios para tirar esses alunos dos celulares e trazer a atenção deles para a aula. O uso excessivo de celulares pode reduzir a interação face a face entre alunos e professores, afetando a dinâmica da sala de aula e o desenvolvimento de habilidades sociais. Os alunos muitas vezes se dispersam com troca de mensagens, jogos, redes sociais e em casos extremos são pegos acessando pornografia. Estudos sugerem que o uso de celulares em sala de aula está associado a um pior desempenho acadêmico, uma vez que os alunos podem perder informações importantes durante as aulas.

Conclusão: Portanto, é possível concluir que o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula pode ser prejudicial para o desenvolvimento intelectual do aluno e o convívio dentro de sala pode se tornar complicado, principalmente quando se trata da relação aluno-professor, causando conflitos e tornando a rotina maçante e desagradável.

Com a aplicação correta de políticas públicas, esse conflito poderia ser amenizado, fazendo assim a convivência tanto dentro de sala de aula, quanto social, seja melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas mais recentes em educação indicam que o ensino deve ser feito de forma interativa, envolvendo o aluno ativamente no processo de construção de seu próprio conhecimento. A aprendizagem é um processo dinâmico e dialógico. O aluno obterá um conhecimento mais profundo se obtiver informações por diferentes rotas e se puder vincular novas informações a outros conteúdos que está aprendendo e que sejam relevantes.

Nesse sentido, tornou-se bastante significativo aliar os estudos de matemática e Língua Portuguesa, buscando-se uma relação interdisciplinar que produziu sentido. No exercício da leitura crítica, essa experiência tem um papel substancial para que os alunos se identifiquem como agentes de suas leituras e se percebam protagonistas da sua pesquisa, sendo capazes de lidar com diferentes gêneros textuais. Isso ocorreu no processo de aquisição de repertório sobre o desdobramento do uso de celulares, o que provocou um levantamento de textos, como relatórios, ensaios, reportagens, artigos de opinião e artigos científicos.

E, considerando o enfoque dado às questões e dúvidas que envolvem o uso do celular na sala de aula, as reflexões e conclusões, embora longe de solucionar essas questões, contribuíram significativamente para que o problema fosse pensado, discutido, avaliado, provocando, de fato, um processo de leitura crítica bastante satisfatório.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos alunos das turmas 21-23 e 23-25 da Escola Sesc de Ensino Médio pelo envolvimento essencial no projeto, que foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Nosso reconhecimento também vai à equipe gestora pelo apoio e por patrocinar nossa participação no Congresso Nacional de Educação, reforçando o compromisso com a pesquisa e a educação interdisciplinar e inovadora.

REFERÊNCIAS

- ALIAGA, M.; GUNDERSON, B. *Interactive Statistics*. Thousand Oaks: Sage, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.